

**As representações do colono em Erechim em *Gatos à Paisana* (1962) de Gladstone
Osório Mársico**

*The representations of the colonist in Erechim in Undercover Cats (1962) by Gladstone
Osório Mársico*

Gláucia Elisa Zinani Rodrigues,¹ UPF

Resumo

O artigo analisa as representações do colono no romance, *Gatos à Paisana* do escritor erechinense Gladstone Osório Mársico (1927-1976). A proposta é analisar as representações da colônia e dos colonos de um município do interior do Rio Grande do Sul em meados do século XX, a partir de *Gatos à Paisana* publicada em 1962, nela contém reflexões sobre o período (1900-1962), em Erechim, na narrativa nomeado ficticiamente como Boa Vista. O estudo, em termos teóricos metodológicos, dialoga com a História Cultural e situa-se na fronteira entre a Literatura e a História. O cruzamento de fontes inclui revisão bibliográfica, fonte oral e utiliza para a análise o conceito de representações de Roger Chartier.

Palavras-chave: Representações; Colono; *Gatos à Paisana*; Gladstone Osório Mársico.

Abstract

The article analyzes the representations of the colonist in the novel, *Undercover cats* by Gladstone Osório Mársico (1927-1976), the proposal analyzes the representations of the colony and the colonists of a municipality in the interior of Rio Grande do Sul in the mid-twentieth century, from *Undercover cats* published in 1962, it contains knowledge about the period (1900-1962), in Erechim, in the narrative fictitiously named as Boa Vista. The study, in theoretical and methodological terms, dialogues with Cultural History and is situated on the border between Literature and History. The Roger Chartier of Bibliographic Literature Sources, Oral Source and Includes for the Analysis Representation Design Concept.

Keywords: Representations; Colonist; *Undercover Cats*; Gladstone Osório Mársico.

Introdução

Gladstone Osório Mársico 1927-1976, nascido em Viadutos/RS, ex-distrito de Erechim/RS desempenhou diversas funções durante sua vida. Foi advogado da *Jewish Colonization Association*², ocupou cargo de vereador municipal pelo Partido Trabalhista

¹ Licenciada em Letras - Português e Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (2012). Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (2019). Tem estudo focado na análise de representações na Literatura pós-moderna, estudos entre Literatura e História. Especialização em Pós-Graduação Lato Sensu em Docência para Educação Profissional e Tecnológica, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES). Pós-Graduação em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa (2021) pela Dom Alberto. Doutoranda em História pela Universidade de Passo Fundo, orientada pela Prof. Dra Gizele Zanotto bolsista FUPF(2020-2024).

² A *Jewish Colonization Association*, ICA, ou JCA, foi criada em 11 de setembro de 1891 por *Moritz Hirsch*. Com o propósito de facilitar a emigração em massa de judeus da Rússia e outros países do Leste Europeu. A JCA estabeleceu diversas colônias na Argentina. No Brasil, no Rio Grande do Sul estabeleceram em Santa Maria, a colônia *Philippson*, e outra colônia no município de Quatro Irmãos, no ex-distrito de Erechim.

Brasileiro no período de 1956-1959 e foi diretor do projeto de instalação de uma Companhia Telefônica Municipal por volta de 1959-1963. Publicou cinco obras literárias satíricas intituladas, *Minha morte e outras vidas* (1958), *Gatos à Paisana* (1962), *Cogumelos de Outono* (1972), *Cágada (ou uma cidade a passo de)* (1974), e em (1994) *post mortem* foi publicada a obra *Furúnculo*, conforme Rodrigues (2019). A sua obra de maior destaque nacional é o romance *Cogumelos de Outono*, sendo que o crítico literário Temístocles Linhares, em sua obra *História Crítica do Romance Brasileiro* (1987, s/p), considerou *Cogumelos de Outono* “o maior romance satírico jamais escrito entre nós”. Em outra crítica, publicada na revista *Veja*, sessão de Literatura, sob o título, *À espera do Führer*, considerou Gladstone Osório Mársico o “melhor talento satírico da nova literatura brasileira” (VEJA, 1972, p. 88).

Porém, para este artigo, optou-se em analisar *Gatos à Paisana* (1962), publicado pela Editora Sulina. Além disso, Mársico tornou-se o escritor homenageado no evento da Feira do Livro, realizada durante a Semana do Município-Biênio da Colonização e Imigração, no 56º aniversário de Erechim/RS, em abril de 1962. A proposta é justificada pela representação marginal e única da história local que Gladstone O. Mársico fez, quando representou satiricamente o colono erechinense, especificamente em *Gatos à Paisana*. Antes mesmo da chegada nas livrarias de *Gatos à Paisana*, houve divulgação pré-lançamento, no jornal *A Voz Da Serra* de 26 de outubro de 1961, na reportagem intitulada “*Gatos à Paisana*, Pronto para lançamento o novo livro de Gladstone Osório Mársico”, na qual o entrevistado Mársico exibiu uma cópia do seu escrito para Geder Carraro, proprietário deste mesmo jornal, cuja reportagem, salientava que:

O livro agradará indubitavelmente, em primeiro lugar ao povo de Erechim, que vai encontrar nele retratada e com realismo a vida de sua cidade e de alguns de seus habitantes (A VOZ DA SERRA, 1961, capa).

A proposta de análise das representações sobre a colônia e os colonos de um município do interior do Rio Grande do Sul em meados do século XX, a partir da obra *Gatos à Paisana* publicado em 1962, traz reflexões sobre o período imediatamente anterior (1900-1960), em Erechim, na narrativa nomeada ficticiamente como “Boa Vista”. O conceito norteador de representações segue a linha do historiador francês, Roger Chartier que traz as acepções correspondentes na qual:

A representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma

presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. Na primeira acepção, a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma "imagem" capaz de repô-lo em memória e de "pintá-lo" tal como é (CHARTIER, 1991, p. 184).

Dessa forma, Chartier (1991) concebe a representação como um instrumento pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, constroem significados no corpo social. É um processo de significação intencional, carregado de interesses, que corresponde a uma determinada estratégia de um agente social ou de um grupo social. Pode-se dizer que Mársico compõe a sua literatura com a representação de seu olhar não somente de espectador, mas de participante da coletividade urbana e rural de Erechim, e sua literatura se sobressai a verossimilhança, que segundo Ferreira (2010, p. 2):

O verossímil não é mais, portanto, que uma analogia do verdadeiro, e por isso pode-se dizer que a ficção é a capacidade de um fazer crer, mercê do qual o artifício é tomado como um testemunho autêntico sobre a realidade e a vida. Ou seja, a arte da ficção manifesta-se como arte da ilusão.

O enredo ficcional apresenta analogias a uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, chamada de Boa Vista, cidade de Erechim-RS, visto que historicamente Boa Vista era um dos primeiros nomes para a cidade de Erechim, o tempo da narrativa articula fatos das do início da colonização do século XX e se estende até a década de 1960.

A primeira edição do romance *Gatos à Paisana* foi publicada pela Editora Sulina, e posteriormente republicada em 1982, pela Editora Movimento. Na Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico, no Arquivo Pessoal do autor é possível ter acesso ao primitivo alfarrábio, mas para esta análise será utilizada a primeira edição de 1962. O romance contém 162 páginas, dividido em 31 pequenos capítulos, e possui um narrador em primeira pessoa classificado como onisciente. No desenrolar da narrativa, Mársico se coloca na posição de um advogado de cidade de interior, e inclui as personagens; meu Sócio, a esposa de Gladstone, um Prefeito, um Escrivão, um Juiz, com suas respectivas esposas, e um Padre. Já nas primeiras páginas retrata a política local através da personagem caricatural do Vice-Prefeito e da sua própria inexitosa candidatura a Vice-Prefeito, e segue a narração sobre a formação de uma comissão responsável para resolver os problemas do acesso à comunicação, por meio da criação da Companhia Telefônica. Boa Vista é isolada dos grandes centros e, além disso, tornara-se intransitável nos dias de chuva, devido à falta de pavimentação. Mársico apresenta aspectos minuciosos das personagens que participam desta comissão que viaja de avião, com despesas custeadas pelas empresas candidatas à licitação.

Percorrem por Porto Alegre, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro, para visitar as empresas interessadas em prestar o serviço da instalação de telefonia e depois ao retornarem à Erechim, descobrem que perderam tempo, e que a empresa que faria a instalação já havia sido decidida pelo Meu sócio, uma personagem do âmbito político misterioso.

Quanto a definição de colono, encontra-se respaldo na historiografia, no artigo intitulado *As contradições da liberdade: Análise de representações sobre a identidade camponesa*, de autoria da historiadora Giralda Seyferth (1992, p. 3), ao afirmar que, para

[...] identificar o pequeno proprietário rural. Ele é chamado *Kolonist* (colono), termo cuja gênese remonta ao início da colonização, no século XIX [...]. Ou seja, os imigrantes e seus descendentes adotaram como definidora da sua identidade social uma categoria classificatória que lhes foi atribuída pela administração colonial: para o Estado, eram colonos todos aqueles que recebiam um lote de terras em áreas destinadas à colonização. Trata-se, portanto, de uma categoria administrativa, reflexo da política de colonização, apropriada pelos imigrantes e usada até hoje como identidade básica mais geral dos agricultores de origem europeia, sendo dela excluídos aqueles chamados de caboclos ou brasileiros. Concretamente, colono é a categoria designativa do camponês, mesmo quando este possui outra ocupação além da agricultura, e sua marca registrada é a posse de uma colônia (mesmo reduzida em tamanho) - a pequena propriedade familiar.

Seyferth (1992, p. 4) complementa:

A maior parte daqueles que se identificam como colonos formam a terceira, quarta ou quinta geração de descendentes de imigrantes alemães e italianos que povoaram a região a partir de 1860. A questão do pioneirismo emerge nos discursos com forte conotação étnica, mas o que interessa em primeiro lugar, na elaboração da identidade genérica, diz respeito à própria constituição da sociedade colonial.

A historiadora traz a identificação de quem são estes agentes denominados de colonos, as maiorias pertencem às gerações posteriores das primeiras levas de grupos de imigrantes, que chegaram inicialmente nas colônias da região serrana no final do século XIX, que passavam pelo período de escassez de terras, e que no início do século XX, em busca de terra, se dirigiram na região de Erechim, como também, das gerações da minoria de imigrantes que por intermédio de companhias colonizadoras no Alto Uruguai, como a Empresa Colonizadora *Luce, Rosa & Cia Ltda*, e a *Jewish Colonization Association*, nas quais, os colonos compravam suas terras. O texto segue com a análise da representação do colono em *Gatos à paisana* e sem delongas uma breve consideração final.

A representação do colono em Erechim em *Gatos à Paisana* (1962)

Erechim é um município do estado do Rio Grande do Sul, localizado na região do Alto Uruguai, próximo a 70 km com a divisa com o estado de Santa Catarina. Emancipado em 30 de abril de 1918, recebeu o nome de Erechim, termo de origem caingangue que significa campo pequeno. Anteriormente teve outras denominações, como Paiol Grande, Boa Vista, Boa Vista de Erechim e José Bonifácio, Erechim, mas hoje prevalece a nomenclatura de Erechim.

O cientista social erechinense Enori Chiaparini (1998), salienta que a região foi inicialmente habitada por indígenas *caingangs* há pelo menos três séculos. Até 1910, a região do Alto Uruguai servia de refúgio de ex-combatentes da Revolução Farroupilha 1835-1845 e da Revolução Federalista 1893-1895, somada à presença de posseiros, que exploravam a erva-mate. A partir de 1890, Júlio de Castilhos³ dirigiu o Estado do Rio Grande do Sul num projeto Positivista de imigração e colonização, onde criou o órgão público da Comissão de Terras, ligado à Secretaria de Agricultura, responsável por assentar os imigrantes e torná-los em agricultores. Dessa maneira, com a vinda de colonos (i) migrantes para o Alto Uruguai ocorreu a expropriação e expulsão dos indígenas e dos caboclos⁴ de suas terras, por meio da dominação das companhias colonizadoras. No que se refere a situação do indígena nos tempos da colonização do Alto Uruguai, no final do século XIX, Sponchiado, afirma que:

A preocupação em criar aldeamentos inicia quando se dão os primeiros contatos violentos deste povo com a população branca. Os índios que se encontravam “encantonados” na região Norte do Estado aos poucos foram tendo maiores encontros com os colonizadores que penetravam em suas terras pela abertura de estradas e pela invasão de povoadores que se dedicavam a pecuária e a extração de erva-mate [...], quando em 1845, Pe. Antonio de Almeida Leite Penteadado escreve ao Presidente Provincial conde de Caxias, sugerindo a catequização e aldeamento dos índios da região de Passo Fundo. A criação do primeiro aldeamento deve-se à iniciativa do Presidente Manoel Antonio Galvão. Este lançou mão à legislação imperial sobre o índio, que estabelecia um Diretor Geral dos índios para cada Província e um diretor especial para cada aldeia (SPONCHIADO, 1993, p. 8).

³ Júlio Prates de Castilhos jornalista e político brasileiro, presidente do Rio Grande do Sul por duas vezes e principal autor da Constituição Estadual de 1891. Disseminou o ideário Positivista no Brasil.

⁴ “O Brasil é um país mestiço, biológica e culturalmente. A mestiçagem biológica é, inegavelmente, o resultado das trocas genéticas entre diferentes grupos populacionais catalogados como raciais, que na vida social se revelam também nos hábitos e nos costumes (componentes culturais). No contexto da mestiçagem, ser negro possui vários significados, que resulta da escolha da identidade racial que tem a ancestralidade africana como origem (afrodescendente). Ou seja, ser negro, é, essencialmente, um posicionamento político, onde se assume a identidade racial negra” (OLIVEIRA, 2004, p. 57).

Os projetos de ocupação visavam limitar o espaço territorial indígena por meio de aldeamentos, abertura de estradas e estabelecimento de propriedade familiar, foi um período de intenso conflito por terra entre (i) migrantes versus indígenas e caboclos.

Chiapardini (1998) ressalta que as Colônias Velhas do Rio Grande do Sul, localizadas na região serrana, passaram por uma crise de excedentes populacionais, e que o Alto Uruguai se tornou atraente para migrantes de todo o estado, e imigrantes provenientes da Itália, Alemanha e Polônia, na busca de aquisição de uma colônia. Quanto ao tamanho dos lotes dos colonos,

Os lotes rurais oferecidos aos (i) migrantes pelo governo, tinham tamanho médio de 25 há, dando origem a um regime de pequenas propriedades rurais e a uma agricultura de subsistência. A microrregião de Erechim é, portanto, desde sua colonização, caracterizada como sendo predominantemente composta por minifúndios (CONFORTIN, 1998, p. 51).

A criação da colônia Erechim possibilitou impulsionar o mercado interno do Estado, carente de produtos alimentícios, firmou a pequena propriedade rural, e gerou agricultura primeiramente de subsistência depois de exportação. Hoje no centro de Erechim, podem ser vistas, representações na escultura local, do colono pioneiro, desbravador, e o trabalho árduo exigido pelo estabelecimento no núcleo colonial, através das estátuas do *Lavrador*, da *Mulher Camponesa*, e o *Monumento ao Colono*, esta última é criação de Vasco Prado, possui os seguintes dizeres: “Ao defrontares com este símbolo, pensa naqueles que, alheios aos gozos mundanos, só tem como glória o suor do seu esforço”. A frase acima na citação é de autoria de Victório E. Ricciardi, inaugurada em 28 de novembro de 1953, na 3ª Festa Nacional do Trigo, pelo Deputado Estadual do Rio Grande do Sul, João Caruso, localizada no canteiro central da Avenida Maurício Cardoso, ao lado da Catedral São José, conforme Martins (2016). Consoante a esse projeto colonizador, na Literatura erechinense se sobressai o escritor Gladstone Osório Mársico porque agrega novos aspectos sobre o modo de vida do colono, e sobre sobretudo sobre o ambiente do colono:

A colônia é o termo empregado pelos habitantes da região para distinguir aquela parcela de gente que mora na zona colonial. Grande parte do eleitorado, naquela época, ainda residia nas circunvizinhanças da cidade, apesar das recentes emancipações de certas áreas do Município e havia que se considerar, também, o sempre discreto, mas eficiente apoio do clero. Comentava-se que proliferavam padres que benziam cédulas para que os eleitores obtivessem indulgência plenária na cerimônia das urnas. Outros percorriam casa por casa dos colonos, fazendo a campanha do candidato cristão (MÁRSICO, 1962, p. 6).

Conforme a citação anterior, Mársico apresenta em sua literatura a definição do termo colônia para distinguir dois ambientes de Erechim, o urbano e o rural. Dessa forma, os colonos da zona rural, seriam aqueles que continham uma possessão de terra e cultivavam em sua terra produtos coloniais, residiam em regiões consideradas longínquas da área central, devido as ruas serem escassas de chão batido e percorrendo distâncias de 15 a 20 km, utilizando o transporte da época que poderia ser; o cavalo, o caminhão, a carroça, ou até mesmo a pé. Estes munícipes migravam para área urbana, porque precisavam de serviços de profissionais da área da saúde, ou até mesmo para vender seu excedente de produtos agrícolas como: feijão, milho, batata, arroz, e frutas típicas da região nas feiras, como até hoje é comum a feira, chamada de Feira do Produtor, na área central em Erechim.

Já, a chamada área urbana continha o centro administrativo das colônias rurais, localizada entre a prefeitura e o prédio da Comissão de Terras, o fórum, a Catedral São José, e um pequeno comércio para venda de tecido para confecção de roupas, ferramentas e utensílios.

Voltando à literatura de Mársico, com base na tabela de população do município de Erechim, em 1960, período que *Gatos à Paisana* foi publicada, Erechim contava com 65.972 habitantes, e que desta população total, 29.590 residiam em área urbana e 36.382 pertencia a área rural, vindo de encontro a representação de Mársico, ao dizer que a maior parte do eleitorado pertencia a zona rural (PSIDONIK, 2015).

Também, mostra a influência da igreja Católica local no voto do colono nas eleições. Na reportagem intitulada, *Alerta Eleitorado Católico e Democrático de Erechim, Desmascarada a Trama Sinistra dos Trabalhistas e Comunistas*, publicada no *Jornal A Voz Da Serra* de 28 setembro de 1954, aponta o envolvimento religioso na decisão nas eleições:

Aqui fica a nossa advertência aos bons católicos, aos líderes democratas que não desejam vender a sua fé e os interesses da Pátria a bandeira de Moscou. Essa história de imperialismo americano e outras queixadas tolices que os trabalhistas, em coro com os comunistas, vivem a repetir, num estribilho monótono, desde a morte do Ex-Presidente, é uma cortina de fumaça para esconder os seus verdadeiros propósitos. Estão desmascarados. Ninguém se iluda. Recusai os votos aos Trabalhistas, porque assim estareis defendendo a vossa fé e os legítimos interesses da nossa estremecida Pátria. Prestigiai, com o vosso voto, os candidatos da Frente Democrática, apoiando deste modo, o Governo Federal, que escolheu como colaboradores os mais eminentes líderes católicos e afastou dos postos civis e militares os comunistas declarados e também disfarçados, os cripto-comunistas, o que mereceu o apoio decidido de Cardeal Jayme Camara, em visita feita ao Presidente da República, Sr. Café Filho (A VOZ DA SERRA, 1954, capa).

Nota-se a advertência ao eleitorado erechinense, em qual candidato deveria votar na eleição de 1954. Em torno disso, para a análise desse trecho do jornal, torna-se pertinente o estudo de Sônia Mári Cima, em *Reza e política, uma combinação na história do padre Busato em Erechim*, no qual explora a trajetória do padre Benjamim Busato, e a sua participação na política local:

Na vida política foi vereador, na época membro do Conselho de Administração Municipal, no período entre 1946 e 1947, desempenhando o papel de presidente. A função desse órgão era legislar, mas, muitas vezes, assumia atribuições do Judiciário Eleitoral, pois, nas eleições para intendente, a contagem de votos e a outorga de posse cabiam aos conselheiros. O número de votos não era significativo; o que prevalecia era a decisão dos conselheiros (CIMA, 2003, p. 36).

Nota-se uma grande participação deste padre nas tomadas de decisões de Erechim, pois já em 1932, havia sido implantada a Liga Eleitoral Católica na cidade. Além do controle político, outra discussão que marca o contexto histórico do colono de Erechim, que repercute até hoje, iniciada nas décadas de 50 e 60, é sobre a toponímia Erechim, quanto ao uso de “ch”, ou “x”. Essa questão foi pauta discutida no 12º requerimento do vereador Jasson Evaristo de Castro na Câmara de Vereadores, na ata de 03/07/1956:

Os vereadores Gladstone Osório Mársico, Aristides Zambonato e Jasson Evaristo de Castro discutem a “grafia” de Erechim. O primeiro apresenta “EMENDA”, substituindo o “X” de Erechim, de REQUERIMENTO por “CH” e lembra que o assunto já foi amplamente discutido, numa das últimas reuniões da casa (ATA s/n, 03/07/1956. Fls.14).

Esta discussão é representada em *Gatos à Paisana*:

Houve até há bem pouco tempo grande polêmica sobre como escrever o nome da cidade. Havia o grupo do *x* e do *ch*. Tudo começou por culpa da agência do Banco do Brasil que, não se sabe por qual motivo, lançou a moda de *x*. Cada colono que lá comparecia para obter um empréstimo era obrigado a compreender o *x* da questão. O movimento encontrou terra fértil e, em breve, um número apreciável de filólogos amadores encampou a ideia. Houve manifestações aqui e acolá, prós e contras, e até populares cronistas sociais iniciaram *chás* e mais *xás* de apoio às campanhas. A coisa chegou a tal ponto que a colenda Câmara de Vereadores resolveu manifestar-se. Os Edis discutiram por várias horas e mostraram que possuíam incontestemente domínio da língua. Mas, como quisessem ficar de bem com os dois lados, sugeriram que o Prefeito proferisse o voto de Minerva. Acontece que o Prefeito compreendeu o golpe da Câmara, entrou em licença para tratamento de saúde, e coube ao Vice o desempate. Este, de saída, ficou brabo e disse que nada tinha que ver com a Minerva. O voto seria seu. E, no dia seguinte, mandou dizer à Câmara que achava estranha e ridícula toda aquela discussão, pois que ele, desde pequeno, sempre ouvira dizer que o nome da cidade se escrevia com *ss*: *Eressim*.... Os vereadores tiveram um sobressalto,

mas a grande maioria do povo se ufanou de ter elegido um Vice tão sábio (MÁRSICO, 1962, s/p).

Aqui, percebe a semelhança com a votação na Câmara legislativa de Erechim. Em *Os meus Erechim*, de autoria do vereador Aristides Agostinho Zambonato (2000), o autor menciona que o Banco do Brasil recebia correspondências com o nome Erexim, desta forma se iniciou a polêmica, que ganhou força pelos professores, filósofos da língua portuguesa e do judiciário ao enviar documentação ao Ministro da Educação e Cultura, em defesa do “x”. Segundo Zambonato (2000, p. 118), “os tradicionalistas estribaram que Erechim foi registrado com “ch”, quando do decreto de sua origem como Boa Vista do Erechim, e, por isso, não poderia ser modificado”. Também, Zambonato (2000, p. 119), salienta que o Prefeito não queria tomar partido da situação, e que alegava que “ como Prefeito, tinha assuntos de mais relevância para a administração, como estradas, ruas, escolas, e que aquilo ficava para os filósofos, que são autoridades em questões de linguagem e literatura”. Aqui, percebe-se o verossímil, com a representação de Mársico, que nas sessões da Câmara de 1956, ocupava o cargo de vereador, e observava o desenrolar da decisão para a nomenclatura. Contudo, a Câmara de Vereadores determinou oficialmente a grafia correta com “ch”, até hoje aceita.

É importante escrever um parágrafo aqui apresentando uma crítica sobre essa questão. Mostrar que você sabe que Erexim, com “x”, remete à grafia caingangue, que tem sua origem indígena e, ao eleger a escrita da cidade com ‘ch”, a marca do colonizador se sobrepõe à indígena. Sem essa crítica, você simplesmente reproduz uma ode ao projeto colonizador que, além das terras, tornou a escrita a seu modo, o jeito certo, apagando a contribuição linguística e cultural dos povos que anteriormente habitavam a região. E fazer uma conexão com o aspecto arquitetônico que segue adiante.

Em *Gatos à Paisana*, Mársico registrou:

Não posso conter, antes meu desgosto pelo barral que empresta o calçamento, trazido pelas rodas dos veículos como consequência da falta da pavimentação nas rodovias que desembocam na cidade. Vejo primeiramente o Edifício *Ronemberg*, cujo o proprietário teve a ousadia de instalar o único elevador da região, que fez muitos colonos perderem a missa aos domingos para <viajarem naquele fantasma automático que sobe e desce> (MÁRSICO, 1962, p. 169).

O início da construção de calçamento nas ruas se iniciou em 1943, na administração do Prefeito Jerônimo Teixeira de Oliveira, na Avenida Maurício Cardoso, em frente ao Clube do Comércio, localiza-se na área central, ou seja, por volta dos anos 50, começou a efetivar-

se, primeiramente pelas vias principais urbanas. Quanto ao primeiro elevador de Erechim, isto vem à lembrança de Chiaparini (2018, s/p), que salienta, “o primeiro prédio de cinco pisos foi construído pela família Reichmann, na avenida Maurício Cardoso, próximo da Catedral São José, com o primeiro elevador de Erechim”. Já em 1957, iniciou a construção do Condomínio Erechim, com doze andares, sendo o primeiro arranha-céu da cidade, quando concluído no início dos anos 60, era algo estonteante, conforme Chiaparini (2018). Mársico registrou essa modernização da cidade nos anos 50, pelo olhar do colono, que se seduz ao ver a chegada do moderno. Acredita-se que isto tenha relação, conforme suas palavras, porque ele vive

longe do convívio com os centros urbanos, esquecidos ou ignorados pelas autoridades, vendo-se marginalizados social, econômica e geograficamente, para não morrerem culturalmente, desenvolveram a sua tradição cultural, especialmente religiosa e familiar. Continuaram, portanto, a usar sua língua familiar de origem, dividida em dialetos e, por isso, propícia à desagregação na medida em que esses dialetos entrassem em contato e houvesse interferência de outras culturas (CONFORTIN, 1998, p. 28).

Mársico, portanto, apresenta um colono desprovido da educação dos centros urbanos e que se encanta ao conhecer um elevador, e que durante sua viagem nas grandes capitais, com intuito de conhecer as instalações telefônicas, o próprio Gladstone não soube atender um telefone, e o escrivão não soube as regras de etiqueta ao frequentar restaurantes que exigiam requinte etiqueta, como no trecho a seguir:

—Nunca vi tanto garfo na minha vida. — Comentava o Escrivão.
—Para que essas tigelas com flores? — Inquiria o Juiz. — Algum aperitivo do oriente?
— Não, excelência, — Respondia um dos garçons com voz melíflua — São para lavar os dedos (MÁRSICO, 1962, p. 26).

Dessa forma, o colono descrito por Mársico, demonstra ser leigo e lhes falta acesso à tecnologia da época. Em *Gatos à Paisana*, o autor descreveu:

Depois da missa houve um churrasco nos porões da Prefeitura, em que fomos saudados por diversos oradores. Por último usou da palavra o Vice. O momento foi de real expectativa. - << É com grande *emoçón* que me dirijo a esta ilustre caravana>>. – Começou ele, e prosseguiu naquele jeito engraçado de colono que faz uma declaração de amor. Prestou contas de seu trabalho na ausência do Prefeito e disse que também colaborara muito nessa oportunidade, para evitar que a cidade permanecesse isolada em dias de chuva (MÁRSICO, 1962, p. 171).

Assim como no excerto anterior, em sua literatura, Mársico não utiliza um nome específico para o colono, tratando-o com o tratamento de Vice-Prefeito, e nele emprega a

caracterização caricatural do colono. Voltando à citação, percebe-se a coincidência da missa com posterior churrasco de comunidade, que conta com discurso do Prefeito ou do Vice-Prefeito. Este costume é comum até hoje e ocorre anualmente na Festa do Frango e do Suíno, nas dependências do município de Barão de Cotegipe, ex-distrito de Erechim. Ainda, na ficção o Vice-Prefeito têm sotaque típico da região, conforme a seguir:

Comentava-se até que havia chegado a era dos quadrúpedes: os cavalos na praça e o burro na sacada... Em parte o povo tinha razão na sua irreverência. E que os Prefeitos anteriores haviam sido quase todos formados, portadores de grau universitário, e, duma hora para a outra, lançou-se uma nova coqueluche eleitoral. Argumentando-se que a maioria dos votantes residia no interior, nas colônias, nada mais popular que um verdadeiro intérprete daquele meio para dirigir os destinos da cidade (MÁRSICO, 1962, p. 30).

Mársico debocha do espaço urbano ao dizer que este assemelha-se ao espaço rural, que apesar da prefeitura localizar-se na área central, existiam no centro da cidade as Casas de Pasto, que eram locais de hospedagem, que continham estábulos, guardava-se e tratava-se cavalos e mulas. Sabe-se que a montaria era o meio de transporte utilizado pelos colonos para se deslocarem de suas colônias e chegarem na Prefeitura ou na Comissão de Terras, logo, em frente à prefeitura prendiam-se seus cavalos. Também, satiriza que as anteriores lideranças, que vinham da capital tinham formação acadêmica, mas que o atual Vice-Prefeito, Pedro Alexandre Zaffari, que assumiu gestão no período de 17 de janeiro de 1957 a 6 de fevereiro de 1957, e a segunda gestão de 1º de janeiro de 1956 a 31 de dezembro de 1959, não tinha escolaridade de nível universitário. Isso vem ao encontro da observação a seguir:

A ausência total de escolas e professores de português fizeram com que a maioria dos colonos recorresse a empréstimos do português ou então, criassem termos novos para aquelas coisas, situações ou atividades para as quais não existiam palavras na língua italiana ou com as quais não tivessem tido experiência em sua pátria (CONFORTIN, 1998, p. 29).

Além da falta de professores, a primeira universidade em Erechim somente é criada na década de 60, a FAPES/CESE/FuRi/URI (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões em Erechim), o Centro Universitário Alto Uruguai era uma extensão da Universidade de Passo Fundo, em 1969, funcionava dois cursos; de Letras e Estudos Sociais, conforme Confortin (2011). Em *Gatos à Paisana*, consta a descrição:

O Vice-Prefeito residira sempre no interior como comerciante, manejava melhor o dialeto importado do que a gíria brasileira, herdara a incomensurável graça de possuir descendentes de padres e freiras, não passava dia que não se banhasse com a água benta da Igreja, e era justamente o protótipo do imigrante italiano- << o gringo >> habitante das

colônias, filho de pais importados da Calábria, Sicília e outras províncias italianas, que se radicaram no interior do Rio Grande e fizeram de suas terras essa prodigiosa colmeia de trabalho (MÁRSICO, 1962, p. 34).

Mársico descreve o colono religioso católico, que na região de Erechim, “a cultura das colônias italianas estava centrada em volta da Igreja em cada linha ou travessão surgia uma capela ou capitel” (CONFORTIN, 1998, p. 29). Mársico também teve entre os elementos da sua literatura, a chegada de imigrantes da Itália, e usa o termo “gringo”, para designar estrangeiros, provenientes da Itália que vinham para trabalhar na agricultura, conforme o trecho de *Gatos à Paisana*:

O Vice-Prefeito descendia desse grupo biotipológico, mas já participava daquela categoria dos colonos abastados que se dedicavam ao comércio e à criação de suínos. Quando veio à cidade, era respeitável prócer do partido contrário ao de meu Sócio. Mas, este, com uma indiscutível habilidade, necessitando dum conchavo que lhe ampliasse as áreas do poder, viu que chegada a hora de usar aquele elemento, que tinha sólido prestígio na Colônia e nas casas canônicas (MÁRSICO, 1962, p. 34).

Neste trecho, percebe-se o colono agricultor e pecuarista que se sobressai da colônia, quando este ocupa cargo público. Na trama o personagem Vice-Prefeito tinha dois irmãos proprietários de uma empresa de ônibus que exercia controle político na cidade pelo poderio econômico que representava, por isso a empresa achava-se no direito de referendar o nome do candidato a ser votado pelo partido para disputar as eleições do município, com isso o Vice-Prefeito foi o candidato indicado pelos irmãos, que queriam um homem da família para representá-los na Prefeitura. Além disso, há a representação da língua colonial:

Falava de maneira estranha, carregando no sotaque da língua estrangeira que aprendera no berço. Não pronunciava << pão>> mas << pón>>, << emoçón>>, << nón>>; dificilmente empregava os dois erres; dizia: <<caroça>>, << corente>>, << corrida>>; às vezes substituí a x por ss: ssícara, ssarope, ssafariz; outras, mudava o s por ch: chabe, chobe, etc. Era a maneira característica de se expressarem quase todos os colonos italianos da região, em virtude do baralhamento do dialeto, transmitindo de geração a geração, com a língua da pátria (MÁRSICO, 1962, p. 36).

Mársico aborda a língua dos colonos, que era a mistura do dialeto italiano com o português. No livro *A faina linguística: estudo de comunidades bilíngues italiano-português do Alto Uruguai Gaúcho*, da pesquisadora erechinense Helena Confortin, traz um estudo sobre a língua utilizada pelos colonos italianos, que segundo a autora:

A grande maioria dos imigrantes que, a partir do último quartel do século passado chegaram ao Rio Grande do Sul, provinham de várias regiões do norte da Itália. Em sua maioria eram iletrados e conheciam somente o idioma

que tinham aprendido desde o berço: o dialeto vêneto. Este “linguajar” muito cedo começou a sofrer modificações (CONFORTIN, 1998, p. 28).

Dessa forma, até hoje é comum existir agricultores falando com mistura de línguas. Além disso, há o elemento da representação do colono preocupado com o clima e com a lavoura, em *Gatos à Paisana*:

O dia estava muito frio e chovera torrencialmente na véspera. Muitos votantes foram trazidos de jipe dos mais longínquos recantos do município. Os agricultores se queixavam do tempo e temiam a perda de suas lavouras de trigo. Dois dias antes a geada inundara os campos e as colônias. Era impressionante ver a cidade coberta com seu manto branco como se fosse uma colcha de arminho (MÁRSICO, 1962, p. 39).

Mársico vereador, em Erechim no período de 1956-1959, sabia das dificuldades dos colonos no cultivo do trigo na década de 50, nas quais destacavam-se: o plantio em áreas impróprias ou montanhosas de difícil acesso; a produção agrícola ser totalmente dependente do fator climático; a falta de mecanização da agricultura; a escassez infra estrutural de estradas para evacuação da carga; a falta de silos para armazenamento. Ainda hoje, 2022 nota-se que os fatores climáticos continuam interferindo na produção agrícola, inclusive em Erechim e seus ex-distritos, majoritariamente dependentes da economia agrícola emitiram situação de emergência ao Estado devido à estiagem no Rio Grande do Sul que atinge quase 140 mil propriedades rurais, conforme o Canal Rural (2022).

Apesar das dificuldades com o plantio, na década de 50, Erechim destacava-se no cenário brasileiro de produção de trigo, vindo a promover o evento, Festa Nacional do Trigo. Em *Gatos à Paisana*, a representação desta festividade é apresentada da seguinte forma:

Desde a Festa Nacional do Trigo, em que o Município se engalanara para receber as maiores figuras do governo federal, em que tudo eram estímulos para o aumento da produção visando a meta da autossuficiência do cereal-rei, em que só se ouvia reclamações por falta de silos e armazéns para que a produção crescente não se perdesse, - desde então, o tempo se tornou inclemente e parecia se opor à vontade dos patriotas. Naquela Festa quase fora linchado um conhecido senador da República que, no seu discurso na saudação ao povo da cidade, não se ficou sabendo até hoje se por ironia, ou convicção, aconselhara aos agricultores que não se plantasse trigo, mas capim. Com este poderiam criar ovelhas e depois beber champanha e importar francesas. O trigo era cultura primária; o capim a cultura moderna. O povo, que vivia aqueles momentos ardorosos de histeria tritícola, ficou escandalizado e houve quem mandasse depois, ao importuno senador, diversas mudas de capim para que ele as plantasse nos seus arrarais. Mas, agora com o trigo a fenecer nos campos e nas canchadas dos morros, havia muita gente que dava razão àquele improvisado profeta e queria pedir as mudas de volta (MÁRSICO, 1962, p. 40).

No livro *Chatô O rei do Brasil*, o deputado estadual Fernando Morais, escreve sobre o mesmo episódio que ocorreu em 1953, numa das edições das festividades da Festa Nacional do Trigo, durante o churrasco de encerramento no Seminário Nossa Senhora de Fátima em Erechim, no qual estavam presentes; o Presidente da República Juscelino Kubistchek, o vice João Goulart, o ministro da Agricultura Mário Meneghetti, do governador Ildo Meneghetti, Tancredo Neves, o bispo diocesano Padre Cláudio Colling, presidentes de associações de agricultores, e o fundador dos Diários Associados, Assis Chateaubriand que em seu discurso disse-lhes:

Abandonai definitivamente o trigo! Plantai capim, dai de comer a ovelhas, enchei vossas burras de dinheiro- tereis dinheiro mais que suficiente para importar carros, champanhe e mulheres francesas para o vosso deleite! Muito obrigado, gaúchos! (MORAIS, 1994, p. 582).

Aqui, percebe-se a verossimilhança com o acontecimento na Festa do Trigo, quanto a reação da plateia, Morais acrescenta:

Nenhuma vaia, nenhuma palma, só espanto. Dr. Cláudio Colling [Bispo de Erechim] levantou-se e saiu da sala sem se despedir de ninguém, antes mesmo que o mestre de cerimônias tomasse o microfone e anunciasse que a cerimônia estava encerrada (MORAIS, 1994, p. 582).

Nota-se o embaraço inoportuno causado pelo discurso de Chateaubriand em 1953, aos colonos presentes ao evento, no qual sua rentabilidade era dependente do trigo. Este comentário de Chateaubriand tem relação ao declínio da produção de trigo e o início da nova tendência de cultura agrícola:

A cultura de soja foi incorporada, nas décadas de 1950-60, entre as atividades dos colonos, e o trigo se retraía, por razões técnicas (doenças, produtividade) e comerciais (preços). A propaganda retratava um futuro promissor para a soja (RIEDER, 2017, p. 44).

Porém, Erechim ainda nos anos 50, vivia a primeira fase da agricultura, chamada de Agricultura Tradicional, que compreendia o período histórico do início da colonização e que se estendia até a década de 60, cujo objetivo era produção para a subsistência familiar. Já no período de 1960-1980, ocorre a segunda fase agrícola, chamada de Agricultura Moderna, que marca o início da modernização da agricultura, conforme Piran (2001).

Contudo, pode-se afirmar que em *Gatos à Paisana* surgem representações do espaço rural-urbano de Erechim, no início de crescimento urbano, no qual os colonos da área urbana, tomam decisões na Câmara e definem a nomenclatura para a cidade. Existe a caracterização

do mundo do interior do município, quando Mársico traz a representação das péssimas vias de difícil acesso, a dificuldade de transporte, a distância da cidade, as queixas do colono ao depender do fator climático preocupando-se com sua lavoura e a comemoração da Festa Nacional do Trigo, principal evento do município. Além disso, Mársico apresenta uma noção do que é ser colono, ao fazer tipificações, classificando-o como: possuidores de uma língua de berço em comum, descendentes de imigrantes ou migrantes, trabalhadores, agricultores, pecuaristas, participativos em cargos públicos quando já estes estão estabelecidos na agricultura, porém inocentes devido à falta de escolarização, e como bons católicos são influenciáveis pelos padres principalmente, nas eleições. Pode-se observar que a noção de colono na literatura de Mársico, mostra uma concepção de senso comum, mas que se articula a definição acadêmica, e o conceito da historiadora Giralda Seyferth (1992, p. 3), ao afirmar que:

No seu significado mais geral, o termo colono designa habitantes da zona rural dedicados ao trabalho agrícola, mesmo que esta não seja sua única ocupação. Ainda como categoria genérica, serve para identificar descendentes de imigrantes cujas famílias tradicionalmente se dedicam à agricultura. Estes são, porém, conceitos de senso comum, usados pela população em geral - urbana e rural.

O senso comum vincula o colono a desempenhar atividades no espaço agrícola, caracteriza-o como descendente de imigrantes, cuja dedicação principal é trabalhar na agricultura, esta representação do colono, perpetua em Erechim até nos dias atuais.

Considerações finais

O artigo buscou analisar o livro *Gatos à Paisana*, produzido por Gladstone Osório Mársico e suas representações sobre a colônia e os colonos em meados do século XX, com reflexões sobre o período (1900-1960), em Erechim, na narrativa nomeado ficticiamente como Boa Vista. Pode-se afirmar que a obra literária contém a representação do colono, ora trabalhando como agricultor, ora ocupando cargos públicos, revelando a vida na colônia e seus costumes nas áreas urbana-rural. Conclui-se que os trechos analisados carregam em si representações da participação cultural e social dos colonos na cidade de Erechim. Espera-se que esse artigo, através da análise literária, possa contribuir para o campo de pesquisa sobre a participação dos colonos no contexto socioeconômico desta região.

Fontes

A VOZ DA SERRA. Alerta Eleitorado Católico e Democrático de Erechim, Desmascarada a Trama Sinistra dos Trabalhistas e Comunistas. **A Voz da Serra**. Erechim, 28 set. 1954, capa. Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font.

A VOZ DA SERRA. Gatos à Paisana, Pronto para lançamento o novo livro de Gladstone Osório Mársico. **A Voz da Serra**. Erechim, 26 out. 1961, capa. Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font.

ERECHIM (RS). CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE ERECHIM. [Ata s/n].12º Requerimento do vereador Jasson Evaristo de Castro na Câmara de Vereadores em 03 jul. 1956, Fls.14. Erechim, 03 jul. 1956.

CANAL RURAL. **Estiagem no Rio Grande do Sul já atinge quase 140 mil propriedades rurais**. 04 jan. 2022. Disponível em: < <https://www.canalrural.com.br/noticias/estiagem-no-rio-grande-do-sul/>> . Acesso em: 21 fev. 2022.

CHIAPARINI, Enori José. **Vivências em Erechim**. Entrevista concedida a Gláucia Elisa Zinani Rodrigues. Erechim/RS, 31 ago. 2018, s/p.

Referências

CHIAPARINI, Enori José. **O Estado criou a colônia Erechim**. Erechim: 1998. Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font.

CIMA, Sônia Mári. **Reza e política, uma combinação na história do padre Busato em Erechim**. Passo Fundo: Editora Universitária da Universidade de Passo Fundo, 2003.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. 5(11), 173-191, 1991. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>>. Acesso em: 30 jan.2022.

CONFORTIN, Helena. **A faina linguística: Estudo de comunidades bilíngues italiano-português do Alto-Uruguaí Gaúcho**. Porto Alegre: Edições EST/ URI Campus de Erechim. Erechim/RS: 1998.

CONFORTIN, Helena. **A interiorização do Ensino Superior no Norte do Rio Grande do Sul: o Caso FAPES/CESE- FuRI/ URI**. Erechim/RS: Edifapes, 2011.

FERREIRA, Antonio Sérgio. Relações entre Literatura X História. Diálogos Acadêmicos. **Revista Eletrônica da faculdade Semar/ Unicastelo**. Volume 1. Número. 1. s/p. Edição Outubro/janeiro de 2010. Disponível em: < http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627110749.pdf >. Acesso em: 17 ago. 2022.

LINHARES, Temístocles. **História Crítica do Romance Brasileiro**. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1987.

MÁRSICO. Gladstone Osório. **Gatos à Paisana**. Porto Alegre: Sulina, 1962.

MARTINS, Najaska. Jornal Bom dia. **Monumentos: Um legado à memória coletiva construídos em praças e canteiros, eles marcam parte da história erechinense**. 30 abr. 2016, s/p. Disponível em: < <https://www.jornalbomdia.com.br/noticia/3301/monumentos-um-legado-a-memoria-coletiva> >. Acesso em: 23 jan.2022.

MORAIS, Fernando. **Chatô, o Rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. Temas em debate. **Estudos**

avançados. São Paulo, 18 abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/CQmMqSJDwGS3vnSRPVZG66H/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

PIRAN, Nedio. **Agricultura familiar: lutas e perspectivas no Alto Uruguai**. Erechim/RS: EdiFAPES, 2001.

PSIDONIK, Liziane Dark de Godoy. **O Município de Erechim e sua dinâmica regional a partir dos aspectos da Saúde e Educação Superior**. Erechim: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2015. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia – Licenciatura, como requisito para a obtenção do título de Graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul. Disponível em: < <https://rd.uffrs.edu.br/handle/prefix/881> >. Acesso em: 02 fev. 2022.

RIEDER, Arno. Vida rural de colonos de Erechim (RS), Brasil, em torno da década de 1960. **Raízes e Rumos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 33-47, jan. / jun. 2017. Disponível em: < <http://seer.unirio.br/raizeserumos/article/view/6453> >. Acesso em: 17 ago. 2022.

RODRIGUES, Gláucia Elisa Zinani. **A representação do imigrante judeu na literatura do Rio Grande do Sul: Cágada e o exército de um homem só**. 2019. 235 f. Dissertação Mestrado em História - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo/ RS, 2019. Disponível em: < <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/2236> >. Acesso em 17 ago. 2022.

SEYFERTH Giralda. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v.7 n.18, fev. 1992. Disponível em: < http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/18/rbcs18_06.pdf >. Acesso em: 23 mar. 2021.

SPONCHIADO, Breno Antonio. A redução dos Kaigángs ensaio de interpretação a partir dos oprimidos. Revista: **Perspectiva**. Erechim: 1993, p.8.

VEJA. Sessão de Literatura. **À espera do Führer**. Revista *Veja*, Edição nº 187. 5 abr.1972, p. 88.

ZAMBONATTO, Aristides Agostinho. **Os meus Erechim**. Erechim/RS: EDELBRA, 2000.